

Entrevista JOSÉ ANTÔNIO FIALHO ALONSO

Papeleiras puxam o freio. O que vai ser da metade sul?

Com a crise internacional, as papeleiras cessaram seus investimentos. Depois de adquirirem vasta quantidade de terras na metade sul do Estado e serem consideradas pelo atual governo estadual como a solução para todos os problemas da região, anunciaram que vão puxar o freio até a crise passar. Porém, trata-se de praticamente a única aposta de desenvolvimento para a região bancada pelo governo estadual. O economista da Fundação de Economia e Estatística (FEE), José Antônio Fialho Alonso, que possui vários estudos sobre desenvolvimento regional, comenta o assunto com exclusividade para o *João de Barro*

João de Barro – Com a crise internacional, as empresas de celulose frearam seus investimentos no Estado. Isso coloca em xeque um modelo de desenvolvimento traçado para a metade sul baseado na monocultura de eucalipto?

José Antônio Fialho Alonso – Sim. Antes de essa crise ocorrer, o governo estadual se posicionou favorável à chegada das empresas que exploram negócio de papel e celulose, apesar de as mesmas não serem aceitas em muitos lugares do mundo. Com a chegada dessa indústria, houve até mesmo certa euforia com as vantagens econômicas que trariam. Porém, apesar dos interesses econômicos do Estado, devido à natureza dessas empresas e ao impacto ambiental que causam, houve toda a polêmica que se

acompanhou nos últimos anos.

JB – Com os ambientalistas e os movimentos sociais?

Os ambientalistas dizem que, se por um lado se ganha com a lucratividade do setor, por outro se perde pelo impacto nas outras culturas, devido ao comprometimento do meio ambiente. Essas empresas, em geral, migram em busca de terras e mão-de-obra baratas, vantagens fiscais e de locais onde as leis ambientais sejam mais flexíveis, condições não mais encontradas por essas multinacionais em muitos países desenvolvidos, justamente pelos aspectos de risco ambiental que apresentam. Apesar de o Brasil ter uma massa crítica bastante desenvolvida e uma legislação ambiental

avançada, esses projetos são bastante sedutores, principalmente na metade sul, que é uma área que está secularmente estagnada pela falta de diversificação das estruturas produtivas, restritas basicamente à produção de carne e arroz. Por todos os estudos que fizemos aqui na FEE, essa região precisa justamente do inverso: diversificar as atividades agrícolas e agropecuárias.

JB – Mas o eucalipto é mais uma monocultura?

Alonso – Pois é. A solução para essa região deveria ser a antítese da monocultura, que é basicamente o que ela sempre teve e o que a levou ao estado de penúria em que se encontra. Antes era carne e lã. Agora é carne, arroz e eucalipto. Do ponto de vista microeconômico, esses projetos vão dar lucratividade, não há dúvida. Claro que para as empresas o negócio é bom.

JB – Mas e para a região?



Arte: Claudete Sieber

“Esses setores ganham sempre, mesmo na crise. Agora é preciso entender que aquela expansão anunciada já não tem mais espaço nesse cenário”

Alonso – A Votorantim, por exemplo (N.E. que faria uma fusão com a Aracruz, recuou num primeiro momento. Porém, no início do ano de 2009 acabou consolidando o negócio), diversifica seus negócios em vários ramos e por isso é forte. Além disso, trata de produzir apenas a matéria-prima. Justamente a parte do processo que agrega mais valor é realizada fora do Brasil.

JB – E a crise?

Alonso – Esses setores ganham sempre, mesmo na crise. Agora é preciso entender que aquela expansão anunciada já não tem mais espaço nesse cenário. Haverá retração do mercado, e o setor de papel e celulose já está sentindo. Não acredito que eles vão sucumbir. Vão encolher um pouco e esperar passar o pior. Como são conglomerados imensos e sólidos, possuem recursos para suportar. Porém, aquele ritmo de investimentos que estava anunciado já se sabe que não será feito. Por hora, a euforia acabou. ■

“A solução para essa região deveria ser a antítese da monocultura, que é basicamente o que ela sempre teve e o que a levou ao estado de penúria em que se encontra. Antes era carne e lã. Agora é carne, arroz e eucalipto”

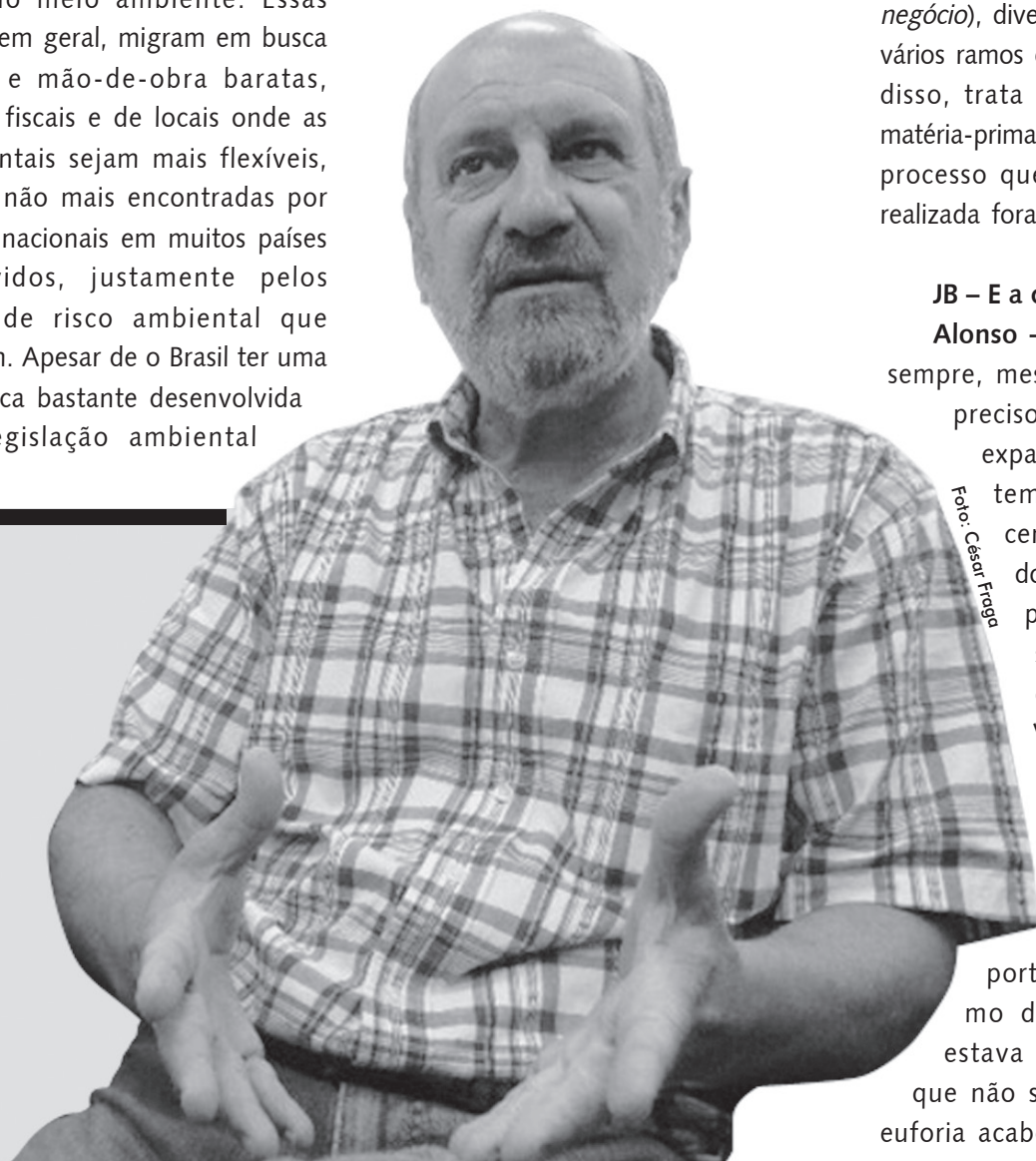


Foto: César Fraga